

A LITERATURA COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE HISTÓRIA:

O Conto “Pai Contra Mãe” De Machado De Assis

Verônica Andrade Braga Sousa¹

RESUMO:

Obras literárias podem ser de grande auxílio nas aulas de História: ler, interpretar o texto, conhecer a realidade do autor da época podem evidenciar melhor aos alunos o período histórico estudado. A partir de então, essa pesquisa tem o objetivo de evidenciar como conto machadiano “Pai contra Mãe” pode ser usado como ferramenta no ensino de História. Sendo assim, com o auxílio de autores como Cândido (2004), Gaddis (2003), Reis (1986), entre outros, é possível compreender como a literatura e a História podem ser relacionadas e contribuir para uma melhor compreensão do aluno acerca de um determinado período históricos e seus conflitos sociais. Dessa forma, pode-se incentivar novos leitores e possíveis historiadores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História, Machado de Assis.

LITERATURE AS A TOOL IN HISTORY TEACHING: The Short Story
“Father Against Mother” by Machado de Assis

ABSTRACT:

Literary works can be of great help in History classes: reading, interpreting the text, getting to know the reality of the author at the time can make the historical period studied more evident to students. The aim of this research is to show how Machado's short story “Father against Mother” can be used as a tool for teaching history. Thus, with the help of authors such as Cândido (2004), Gaddis (2003), Reis (1986), among others, it is possible to understand how literature and history can be related and contribute to a better understanding by students of a certain historical period and its social conflicts. In this way, new readers and potential historians can be encouraged.

KEYWORDS: Literature; History, Machado de Assis.

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa (UVA)/ Discente no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (UECE) na linha de pesquisa Memória e Historicidades. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5189916700876634>. Email: veronik.andrade.b@gmail.com

Introdução

A História e a Literatura são campos complementares do conhecimento humano. É impossível ensinar Literatura sem um embasamento histórico, contudo, é possível ensinar História com o apoio literário? Como afirmou Furet: “a história é filha da narrativa. Não se define por um objeto de estudo, mas por um tipo de discurso. Dizer que estuda o tempo não tem de fato outro sentido que dizer que dispõe todos os objetos que estuda no tempo: fazer história é contar uma história” (1986, p. 81). Por isso, é possível acreditar na exímia funcionalidade da literatura como uma fonte especial nas aulas de História a fim de criar uma consciência histórica nos estudantes.

Com isso, a partir de teóricos como Antônio Cândido (2002), Gaddis (2003), Reis (1986), entre outros, consegue-se compreender como a literatura pode servir de fonte para os historiadores. Além disso, compreende-se também sua relevância no apoio pedagógicas nas aulas de história. Assim, pode-se trazer para os estudos de História, principalmente no Ensino Médio, período em que os alunos constroem mais criticidade e maturidade literária, narrativas que possam nutrir a imaginação do aluno para o contexto histórico estudado. O conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis, traz uma perspectiva relevante da sociedade brasileira escravocrata, por ser possível analisar as mazelas sociais presentes no já referido período no país.

Ademais, como o conto é um gênero textual curto, torna-se uma ótima opção de texto literário para utilizar em sala como apoio, sendo viável levantar as questões históricas, analisar o texto e discutir as opiniões em sala, sendo possível aprofundar uma análise crítica do aluno a partir do texto literário utilizado como embasamento histórico. Por isso, esse estudo se mostra pertinente e justificável por abordar um método de ensino interdisciplinar história-literatura como forma representar a história por meio da arte.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A literatura como uma ferramenta no ensino de história

Segundo Gaddis (2003), embora a história seja o melhor método de expansão da experiência, o historiador não deve pensar que são os únicos detentores das ideias a serem transmitidas de uma geração para outra, ainda se deve considerar a contribuição da cultura, tecnologia, religião e etc. Assim, acredita-se que a arte, por meio da literatura, também pode carregar essas fontes de experiências perpassadas por gerações, pois “a literatura pode ser uma fortunada preservação de fontes que abrem portas para outra época” (Gaddis, 2003, p. 20).

Ademais, ainda segundo Gaddis (2003), o historiador não tem obrigações com a representação literal da realidade, todavia, deve-se aproximar dos padrões de comprovações das ciências sociais, física e biológica. Assim, compreende-se que o historiador pode sair do campo tradicional de ensino e ser livre para percorrer acima das restrições do tempo e espaço, abrindo espaço para imaginação, pois “uma simples crônica de detalhes, embora gráfica, nos encerra em uma local ou tempo específico” (Gaddis, 2003, p. 27).

Ao falar sobre o ensino de História, percebe-se que a literatura também pode ser compreendida como fonte pelo historiador, com o objetivo de esclarecer e interpretar melhor o passado: a função histórica. Compreende-se essa possibilidade ao considerar Ginzburg (1986), quando tal autor propôs a literatura como uma fonte especial para a compreensão da História, pois, a partir dos elementos narrativos, é possível identificar os aspectos sociais de uma época, seus pensamentos e suas práticas, ou seja, analisa-se a cultura de um determinado momento histórico e, conseqüentemente, como tal momento influenciou a sociedade. Portanto, percebe-se que a literatura está diretamente ligada a sociedade e suas práticas, por isso, desempenha um papel importante.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A literatura apresenta-se, desde o início, como uma prática na sociedade. De fato, até que ela e todas outras práticas estejam presentes, a sociedade não pode ser vista como completamente formada. A sociedade não está totalmente disponível para análise até que cada uma das suas práticas esteja incluída. Mas ao adotarmos essa ênfase, devemos adotar uma outra correspondente: que não podemos separar a literatura e a arte de outros tipos de prática social de modo a torná-las sujeitas a leis muito especiais e distintas (Williams, 1979, p.61)

No que diz respeito a literatura brasileira, percebe-se que a sua construção representou um marco identitário no país. Precisava-se criar uma literatura própria do Brasil para reforçar o orgulho da terra, em busca de uma tradição respeitável para os herdeiros da nação. Com isso, os românticos se apropriaram dessa ideia e criaram, em suas obras, um Brasil-herói. Assim, contando a história do povo brasileiro a partir da visão dos colonizadores (Cândido, 2000)

Contudo, o movimento realista contrapôs todos os ideais românticos e trouxe uma visão crítica para a sociedade brasileira. Machado Assim foi o nome mais exaltado no realismo brasileiro, suas obras foram marcadas pelas críticas as instituições sociais da época, contudo, de forma indireta, tendo como principal característica a ironia.

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (Cândido, 2004)

Dessa forma, a partir da interpretação do trecho acima de Antônio Cândido, a literatura representa uma sociedade com todas suas particularidades, pode-se interpretar o “princípio de organização adequada à situação literária dada” como as condições literárias dadas em um determinado momento histórico. Com isso, Machado de Assis, conhecido historiador da escravidão e da vida operária entre 1850 e 1910, segundo Chalhoub (2003), rompeu barreiras em uma sociedade profundamente marcada pelo racismo e pela exclusão social.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Embora raramente tenha abordado explicitamente sua identidade racial em sua obra, ele era um homem negro e sua trajetória é de imenso valor para a literatura afro-brasileira. Seus mais conhecidos romances, como *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, criticam a hipocrisia e as desigualdades de sua época, revelando aspectos da elite brasileira com um olhar sagaz e questionador. Ao desconstruir personagens e situações de forma sutil e irônica, Machado abriu caminho para novas perspectivas na literatura brasileira.

Muitos escritores negros tiveram suas obras subestimadas ou ignoradas, tanto pela crítica literária quanto pelo mercado editorial, principalmente aqueles que tratavam abertamente sobre o racismo, o que impediu uma ampla divulgação e valorização de suas contribuições. Esse apagamento reflete e perpetua desigualdades raciais profundas, limitando o acesso da população a narrativas que poderiam enriquecer a compreensão das diversidades culturais e históricas do país. Por isso, ao tratar sobre escravidão utilizando uma obra de Machado de Assis, é importante também deixar claro a realidade na qual o autor se encontrava. Assim como Gaddis (2003) afirma que as condições socioculturais do autor devem ser levadas em consideração quando se faz uma análise da obra.

Com isso, é necessário frisar que as obras de vozes negras são fundamentais para a formação e enriquecimento da identidade nacional, pois são uma parte indissociável do tecido social e cultural do Brasil. Contudo, essa temática nunca foi bem vista na sociedade brasileira, principalmente na literatura. Isso fez com que Machado de Assis usasse estratégias sutis para abordar essa questão importante, algo necessário na época.

Por isso, busca-se analisar o conto machadiano “Pai contra Mãe”, a partir da concepção de capoeira linguística de Duarte (2020), além de evidenciar como esse conto pode ser utilizado nas aulas de História para representar as mazelas da escravidão a partir do discurso do autor. Assim, percebe-se como Machado de Assis

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

soube usar as palavras em uma época de repressão ao abordar os processos históricos atrelados a escravidão e fazer críticas também.

Percebe-se que, no Brasil, é difícil falar sobre racismo. Por isso, segundo Duarte (2020), Machado de Assis era um autor que descartava polêmicas, preferia utilizar de uma capoeira literária para abordar, sutilmente, os processos históricos da sua época, mesmo quando parecia tratar de assuntos banais, nas entrelinhas, poderia trazer algum aspecto crítico pertinente. Isso caracteriza, ainda segundo Duarte (2020), em uma *ginga* verbal.

O termo *ginga* é termo utilizado na capoeira, uma mistura de dança e jogo desenvolvida no Brasil a partir da contribuição africana. A *ginga* é um movimento corporal feito com o objetivo de enganar o oponente, a fim de dissimular algum golpe, para confundir o adversário, escapar de seus golpes e atacar no momento e ângulo certo (Duarte, 2020). Dessa forma, acredita-se que Machado de Assis utilizava de uma *ginga literária* para driblar a opressão.

Dessa forma, o texto literário, comumente sabido, possui como uma das marcas principais o seu contexto histórico, o qual representa a sociedade e seus principais aspectos. Assim, é inviável analisar um texto literário sem levar em consideração as características socioculturais, fruto do tempo histórico, na qual a narrativa se encontra. Com isso, é comum, no processo pedagógico das aulas de literatura, iniciar os estudos das obras a partir do seu contexto histórico.

Por isso, é possível acreditar também que, com o auxílio da elucidação do texto literário, o historiador-educador, a partir de uma proposta interdisciplinar, pode trazer para aulas uma metodologia de ensino mais dinâmica para o aluno, a fim incentivar o interesse do aluno no conteúdo estudado, além de incentivar a leitura literária.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

“Pai contra mãe”: a representação das mazelas da escravidão por Machado de Assis

O conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, foi publicado em 1905, em uma época de grandes transformações sociais no Brasil, já que a abolição da escravidão havia ocorrido apenas dezessete anos antes, em 1888. O país ainda vivia os reflexos do sistema escravagista, e a desigualdade social e o racismo estrutural permaneciam enraizados. No conto, Machado explora as contradições morais e sociais de uma sociedade que, mesmo após o fim da escravidão, continuava a marginalizar os mais vulneráveis, expondo as brutalidades e injustiças que persistem mesmo em tempos de "liberdade".

Machado de Assis inicia o conto já mencionando o fim da escravidão, afirmando que esse acontecimento levou o fim de alguns ofícios, como de funileiros de máscaras usadas para torturar escravos que desobedecia às regras.

A Escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-deflandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas (Assis, 1997, p. 31).

Após, o autor descreve como essas torturas eram realizadas e suas respectivas justificativas, o que já causa um impacto no leitor. Contudo, percebe-se, nesse ponto, que Machado não quer passar a impressão que a história se trata sobre isso, então afirma: “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras” (Assis, 1997, p. 31).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Tais instrumentos usados para punir os escravizados, principalmente os “fujões. A fuga de escravizados foi uma forma de resistência fundamental durante o período escravagista no Brasil. Segundo Reis (1986), um dos principais especialistas em história da escravidão no Brasil, a fuga era uma forma de "negação prática do cativeiro", um ato que subvertia a ordem escravocrata e reforçava a busca por um espaço de autonomia e identidade. Esse fenômeno não apenas desafia o sistema escravista como também evidencia a agência dos escravizados na luta por sua própria liberdade.

Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado. Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói (Assis, 1997, pg.33)

Ademais, ao relatar essas características da escravidão, o autor passa a impressão de estar apenas contextualizando os fatos históricos da época para agregar a história que ele realmente irá contar: a história de Cândido Neves, um *caçador de escravos fujões*. Sobre isso, o autor diz:

Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem (Assis, 1997, p. 33).

Com isso, afirma que Cândido Neves se liga em uma história de fuga por ceder a pobreza e adquirir tal ofício. Porém, o narrador também afirma que Neves tomou o ofício por não se enquadrar em nenhum ofício, não aguentar nenhum emprego, apesar de ter tido diversas oportunidades de profissão. Por isso, infere-se que Cândido não gostava de um trabalho estável ou maçante.

Assim, Machado levanta outra contrariedade, pois antes afirma o trabalho de caçadores de escravos dava impulso ao homem rijo, a fim de colocar ordem na

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

desordem, porém, Cândido Neves não aparenta ter esse perfil. Além disso, o autor citou que Cândido tomou o ofício por se render a pobreza, mas não seria uma pobreza de oportunidades, visto que ele estudou várias profissões que não assumiu. Então, seria outro tipo de pobreza, talvez humana ou moral (Assis, 1997).

Os caçadores de escravos fugidos, também conhecidos como capitães do mato, desempenhavam um papel brutal na manutenção do sistema escravocrata no Brasil. Eram indivíduos contratados para capturar escravos que tentavam fugir, utilizando métodos violentos e cruéis para coagir e devolver os fugitivos aos seus proprietários. De acordo com o historiador Manolo Florentino (1997), o trabalho dos capitães do mato era um mecanismo de controle social que ajudava a sustentar a economia escravista, o autor destaca que essa figura foi essencial na repressão às tentativas de resistência e na perpetuação da violência que caracterizava o sistema escravocrata.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", -- ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse (Assis, 1997, pg.35)

Os anúncios de escravos fugitivos, comumente publicados em jornais da época, eram uma das principais ferramentas utilizadas pelos senhores de escravos para tentar recuperar os fugitivos. Nesses anúncios, as descrições detalhadas das características físicas dos escravizados, muitas vezes com recompensa pela captura, expunham a desumanização e a brutalidade do sistema escravista. Segundo Chalhoub (1990), esses anúncios eram não apenas uma estratégia de controle social, mas também uma forma de legitimação da violência contra os negros, reforçando a ideia de que eles eram propriedades a serem rastreadas e punidas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Imagem 1 - Anúncio do escravo Fortunato



Fonte: HDBN – Diario do Rio de Janeiro (1854)

Dessa forma, Cândido Neves após tentar diversas profissões, tornou-se um caçador de escravos: “Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda” (Assis, 1997, p.37). Além disso, estava com pressa para se estabilizar, pois havia se apaixonado por Clara e pretendia se casar. Casou-se com a moça e já pensavam em ter filhos. Contudo, eles não tinham boas condições financeiras devido à instabilidade da profissão. No entanto, o casal sonhava com a chegada de uma criança, um filho para alegrar o matrimônio. Mônica, tia de Clara, alertava-a que um filho deles, naquele momento, poderia pior a situação econômica deles, a criança podia até não ter o que comer (Assis, 1997, p. 38)

Nesse ponto, o narrador descreve a vida a dois do casal, como um ambiente de alegria, o casal ria de tudo, até do trocadilho dos nomes: Clara, Neves, Cândido, substantivos que remetem a cor branca. A escolha dos nomes também pode ser uma

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

estratégia linguística do autor para deixar evidente os personagens como brancos, pertencentes da classe social dominante: “Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeriria-se sem esforço” (Assis, 1997, p. 38).

Apesar da falta de emprego, o casal não desistiu do filho: “Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo. Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade” (Assis, 1997, p. 39). E, um dia, anunciaram a gravidez, o que deixou tia Mônica desesperada, mas o casal acreditava que haveria uma providência divina. Outra possível crítica de Machado seria ao cristianismo, religião imposta pelos escravocratas, ou fé de Cândido Neves, pois, embora tudo desse errado, acreditava que Deus o ajudariam mandando um escravo fugido para sustentar sua mesa.

Clara também apelava suas dores para Nossa Senhora, acreditava que nada de mal poderia acontecer com eles, pois o divino estava com eles. O narrador cita: “Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo” (Assis, 1997, p. 35). Assim, uma das características do Realismo, segundo Cândido (2000), é oposição às instituições sociais, como a Igreja. Por isso, é possível que a questão da religiosidade no conto seja outra crítica do autor, trazendo o lado maquiavélico das pessoas ditas cristãs, religião imposta pelos colonizadores.

Com a popularização do ofício pelos desempregados, Cândido Neves começou a acumular dívidas por não conseguir mais capturar tantos escravos. Por isso, até considerou em pegar um escravo qualquer para vendê-lo, chegou até capturar um preto livre por engano e acabou apanhando dos parentes do homem: “Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem” (Assis, 1997, p.40)

Cogitou até mudar de profissão, mas não queria passar tempos aprendendo um ofício, queria algo de aprendesse depressa. As dificuldades com o passar dos meses deixou-os amargos: “Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa” (Assis, 1997, p.43)

Com as dificuldades financeiras aumentando, Tia Mônica os aconselhou a deixar criança na Roda dos enjeitados. O casal estava desesperado, já havia perdido a casa de aluguel, não tinha o que comer.

Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua (Assis, 1997, p.45).

Com a necessidade, Neves decidiu acatar o conselho depois de muita reivindicação. Porém, antes foi ver se não haveria nos classificados algum escravo fugido, viu uma mulata, procurou-a, mas sem sucesso: “Já tinha visto o anuncio, mas so se dedicou na procura quando ficou diante do desespero” (Assis, 1997, p.46).

Quando foi deixar a criança no beco, avistou a mulata, entrou em uma farmácia e pediu que cuidassem de seu filho um instante. Cândido foi em busca da mulata, amarrou-a enquanto a mulata suplicava que a soltasse, pois estava grávida e que o poderia perder o bebê se recebesse os castigos do seu senhor por conta da fuga: “Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!” (Assis, 1997, p.48).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Porém, Neves debochou dela e a entregou para o senhor: “Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves” (Assis, 1997, p.49). Após alguns minutos de medo e dor, a escrava abortou na frente deles:

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre (Assis, 1997, p.50).

Sem nenhum remorso, Neves voltou a farmácia, buscou seu filho e voltou para casa abençoando a fuga e ignorando o aborto da escrava: “Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto. - Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (Assis, 1997, p.50). Assim, Neves conseguiu garantir a vida de sua criança, mas não demonstrou nenhum apreço a vida negra ceifada por suas escolhas.

Com isso, pode-se concluir que as mulheres escravizadas no Brasil viviam uma dura realidade de violência e perda, especialmente em relação aos seus filhos, que muitas vezes eram separados delas ou morriam devido aos maus-tratos impostos pelos senhores de escravos. Essas mães não tinham o direito de proteger seus filhos da exploração e do sofrimento, que incluíam trabalho excessivo, alimentação inadequada e, em alguns casos, a morte precoce, como representado no conto analisado. Segundo Reis (1986), a violência contra as mulheres e a separação das famílias eram formas de controle social e dominação dentro do sistema escravista. Essa realidade cruel refletia não apenas a opressão direta, mas também a tentativa de apagar as memórias e laços familiares das populações escravizadas, enfraquecendo ainda mais sua resistência.

Considerações finais

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Machado de Assis, no conto *Pai contra Mãe*, traz uma reflexão sobre a importância dada a vida de pessoas brancas e a vida das pessoas negras, pois, através do personagem principal, ele faz uma alusão de quem merecia viver mais na época. Apesar de tudo, a vida de uma criança negra foi sacrificada para uma criança branca pudesse sobreviver com os pais. Essa última frase dita por Cândido Neves pode ser considerada um reflexo de como os brancos viam a vida negra. Portanto, com a discussão sobre o conto, percebe-se como Machado de Assis soube usar as palavras em uma época de repressão, mesmo não sendo explícito, soube abordar os processos históricos atrelados à escravidão e fazer críticas também. Por fim, conclui-se que Machado de Assis era de fato um capoeirista literário deveras habilidoso.

Portanto, apresentar obras como essas, no ensino de história, a fim de analisar a obra e refletir com os alunos podem ser uma eximia fonte histórica, pois oferece uma compreensão mais profunda e emocional dos eventos históricos, permitindo que os alunos se conectem com as experiências humanas de épocas passadas. Além disso, a literatura também contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, ao apresentar visões diversas sobre um mesmo fato histórico, o que permite aos alunos refletir sobre os processos sociais, políticos e culturais de diferentes períodos. Assim, ao integrar a literatura ao ensino da História, é possível enriquecer o aprendizado.

Muito se fala sobre a importância da interdisciplinaridade na sala de aula, um encontro de saberes, logo, percebe-se também que há a necessidade de integrar os conhecimentos literários no ensino de História, a fim de tornar mais dinâmico e elucidativo os conteúdos curriculares. Com isso, pode-se esperar que essa prática acarrete bons retornos pedagógicos, como: expansão do imaginário dos alunos, melhor compreensão dos períodos históricos, além de incentivar novos leitores, possíveis novos historiadores.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “Pai contra Mãe”. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 2.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Sociedade e literatura**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história do movimento abolicionista no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. **Anúncio do escravo Fortunato**. 18 out. 1854. HDBN – História Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://teoriadahistoriaetsusp.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/10/gaddis-john-lewis.-paisagens-na-histoc81ria.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afrodescendente: antologia e crítica**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FLORENTINO, Manolo. **Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FURET, François. **A oficina da história**. Trad. Adrino Duarte Rodrigues. Lisboa: Gradiva, 1986.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens na história: Como o historiador mapeia a história**. Tradução de Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro. Editora Campus Ltda. 2003.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5493296/mod_resource/content/1/ginzburgo-mitos-emblemas-sinais1.pdf. Acesso em: 6 nov. 2024.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X

[190]